



Academia Volta-redondense de Letras



Prosa & Verso
2023

Academia
Volta-redondense de Letras



Prosa & Verso
2023

Jean Carlos Gomes
(Organizador)

PROSA & VERSO 2023

1ª Edição

Volta Redonda – RJ

AVL

2023 © Academia Volta-redondense de Letras

2023 © vários autores

Patrono:

Manoel Bandeira

Presidente:

José Huguenin

Vice-presidente:

Lourildo Costa

Coordenação Editorial:

Jean Carlos Gomes

Revisão

Os autores

Foto da capa

Escultura “Arigó” (1991), de Bruno Giorgi (fonte: Secretaria Municipal de Cultura)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prosa & verso 2023 [livro eletrônico] /
Jean Carlos Gomes (organizador). -- 1. ed. --
Volta Redonda, RJ : Academia Volta-redondense
de Letras, 2023.

PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-993451-4-2

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras
3. Poesia brasileira I. Gomes, Jean Carlos.

24-191896

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira B869

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

SUMÁRIO

PROSA

Angela Alves Crispim

Guto Melo

José Huguenin

Leonor Vieira-Mota

Lourildo Costa

Luciano Batista

Shirley Leonardo

VERSO

Ana Malfacini

Angela Alves Crispim

Camila Cabral

Claudia Lundgreen

Débora Corsi

Elisa Carvalho

Elyane Lacerdda

Flávia Souza Lima

Jean Carlos Gomes

Lee Brasil

Márcio Castilho

Mércia Christani

Raquel Leal

Regina Vilarinhos

Robson Chaves

Sara Jane Matos

Stael de Oliveira

Thalita Wutke

APRESENTAÇÃO

Com muita satisfação entregamos aos leitores a Antologia Prosa & Verso 2023, o quarto livro da *Série Prosa & Verso*, cuja missão é registrar e tornar acessível trabalhos literários e acadêmicos dos membros da AVL.

A organização deste livro, pode-se dizer, foi coletiva uma vez que a estratégia de escolha dos textos foi convidar os atuais membros a escolherem textos de sua autoria. O leitor tem em mãos textos que os autores desejaram partilhar neste registro.

Os textos em *Prosa* são diversificados, havendo contos, muitos deles recentemente escritos, o que dá a coletânea ares de novidade. Também são apresentadas crônicas. Já os textos em *Verso* apresentam desde reflexões variadas e instigantes.

Podemos ver exuberância e agudeza nas obras aqui apresentadas. Só nos resta desejar uma boa leitura!

Volta Redonda, dezembro de 2023.

Jean Carlos Gomes,

Coordenador Editorial da AVL.

Prosa

Angela Alves Crispim

– CRÔNICA –

FUTURO... PERDAS E GANHOS

(26/02/2023)

Recebi uma mensagem no celular, onde mencionava uma firma pesquisando pequenos casulos para desenvolver bebês. A finalidade da pesquisa seria propiciar a casais inférteis a possibilidade de ter filhos a partir do espermatozoide e óvulo do casal.

Essa imagem me fez lembrar Aldous Huxley em seu livro “Admirável Mundo Novo”, publicado em 1932. Nele previa várias das possibilidades que hoje, para nós, são corriqueiras, inclusive a dependência química de muitas pessoas.

Comecei a analisar a mensagem, sem entrar no mérito se era falsa ou não. A ciência evolui segundo a segundo, o tempo se tornou o menor dos problemas. Sempre admirei os filmes e livros de ficção, neles mentes criativas tecem futuros possíveis, como viagem nas estrelas, mundos perdidos, extraterrestres, asteroides ameaçando o planeta, carros flutuantes, viagem no tempo e tantas outras ideias exorbitantes presas a um fio da realidade para serem observadas.

Daí a desconfiança de que tudo é possível na ciência. O hoje que vemos tão evoluído representa apenas um passo diante do que poderá vir no futuro.

Os casulos para o desenvolvimento de bebês geraram uma dúvida em minha mente. Os nossos maiores problemas planetários são: a superpopulação, a fonte de alimentos e poluição. Mas o que mais tomou conta do meu raciocínio foi algo muito simples, denominado relações afetivas.

Termos a possibilidade de escolher características genéticas, cor, altura, tipo físico, inteligência, habilidade, sexo, eliminar probabilidades de doenças e toda uma manipulação do indivíduo a ser criado, envolve uma dissociação do emocional. Aquela relação existente entre mãe e filho desenvolvida no seu crescimento dentro do útero.

Aí eu me pergunto... o quanto do emocional afetivo será garantido nesse desenvolvimento científico? Qual será o envolvimento real entre essas pessoas? Aquele ser manipulado terá as mesmas emoções que sentimos? Já começa por uma negativa na relação feto-mãe. Uma quebra que jamais

poderá ser suprida. Sem essa estrutura emocional como se desenvolverá o indivíduo?

Novamente caímos no Aldous Huxley, poderão se tornar apenas máquinas em série, onde passarão por um processo de programação destituída do crescimento emocional individual? Talvez eu esteja errada e também possam incutir nesse ser criado amor, carinho, sensibilidade e tantas outras emoções características que nos tornaram seres humanos.

Corremos ainda o risco de produção em massa de elementos para guerras, exterminadores, assassinos especializados, robôs humanos sem sentimentos, decência, solidariedade, empatia, discernimento entre o certo e o errado e... humanidade. Apenas o que foi incorporado em seu cérebro o faz funcionar.

Tenho receio da produção em massa de indivíduos altamente privilegiados em seus dotes manipulados em detrimento às pessoas normais, que sabem aprender com as suas experiências de acertos e erros. O que serão dos vínculos familiares, de amizade, companheirismo? Como a sexualidade, complemento amoroso e cumplicidade irão existir? A relação pais e filhos continuará? Serão muitos os ganhos ao se escolher o que se quer no futuro filho, entretanto também serão muitas as perdas por não se ter gerado a própria criação da vida.

Não será durante minha existência, tenho certeza de que não estarei aqui para comprovar, nosso tempo é finito e corre rápido... o que também poderá ser alterado, entretanto estão se formando as ideias, os propósitos, os ganhos comerciais nessa disputa.

Nossa espécie começou a se distinguir há mais de sete milhões de anos e passou por um processo longo em seu aprimoramento e seleção natural até chegarmos ao que somos hoje... não somos perfeitos, mas aprendemos com nossos erros e corrigimos nossas ações. Essa evolução ao partir para os laboratórios sofrerá a interferência do que se quer ter e com certeza aparecerão formas de alterações abusivas que tornarão a humanidade menos humana, mais controlada e laboratorial.

Não sou contra a ciência, pelo contrário, entretanto a manipulação do indivíduo a ser desenvolvido me preocupa. Há muitas mentes distorcidas que tenderiam aos seus próprios interesses e com certeza não seriam a do bem comum.

Sem essas manipulações já temos visão e vivência suficientes para avaliar em relação a mentes que dizimaram e dizimam populações inteiras se

pautando na política, religião, limpeza étnica ou o puro desejo de tirar proveito da economia do outro.

O poder corrompe, quem tiver esse poder irá dominar o resto do mundo. Portanto a sobrevivência do ser humano comum está se esgotando e talvez nem percebam as forças que estão se organizando para o seu fim.

– CONTO –

O ANDARILHO (1984)

Saí da clínica um pouco cansada. Escurece mais tarde no verão, portanto ainda estava claro e o sol brilhava em toda a cidade. Caminhei lentamente até chegar a uns dez metros da esquina e deparei com aquele homenzarrão deitado no chão, com uma roupa ensebada de tanta sujeira. Logo me lembrei que alguém havia dito ter ele vindo de uma família de posse e não se sabia o motivo pelo qual se tornara mendigo e... louco. Eu nunca o observara atentamente, confesso que ao vê-lo na rua arranjava um jeito de cortar caminho, pelo simples fato de não saber como reagiria. E naquele momento pude ouvir o que dizia:

- “Então Deus fez a terra e no sétimo dia, como ninguém é de ferro, Ele descansou. Aí Ele criou as águas, os mares, as plantas, os animais e o homem. Depois Ele disse: Não é bom que o homem fique sozinho e fez a Eva”. – E continuou falando a sua maneira sobre a Bíblia.

Achei estranho, ele não me parecia um louco comum, talvez na verdade nem fosse louco; quem sabe seria mais uma daquelas pessoas por demais inteligentes, sensíveis e que não foram entendidas e infelizmente não superaram a descrença, deboche dos incautos marginalizadores.

Sim, marginalizadores, assim como eu, que preferi muitas vezes cortar o meu caminho em vez de ouvir as suas ideias, ou simplesmente o seu silêncio, nas esquinas e nas ruas.

Eu sempre o havia visto como um homem estranho, muito sujo, com um enorme saco nas costas, bêbado, sóbrio, ou apenas deitado num canto fingindo meditar ou dormir. Até mesmo havia visto na rua principal gritando de braços abertos, em um local perigoso, onde os carros descem de um viaduto velozmente. Nunca entendi porque ele estava desafiando os motoristas e dando gargalhadas quando estes desviavam assustados com a demonstração de um pseudo super-homem.

Que espécie de loucura era aquela que falava em Deus, na criação do mundo, em sua construção e de repente abria os braços no meio de uma via pública com alto fluxo de automóveis desafiando um acidente fatal? Em que mundo desconhecido e fechado ele se pendera? E por quê?

Guto Melo

- Ensaio -

Ideologia e estética em *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis

Na História da Historiografia, seja em História; seja em Literatura, a produção científica se desenvolveu numa ótica masculina com forte apelo ideológico e uma estética bem definida com o Romantismo. Ao longo do século XIX a produção literária ficcional ou científica faziam parte da mentalidade colonial, uma mentalidade que foi estruturada desde o período quinhentista. O crítico literário e escritor Silvio Romero publicou a obra *História da Literatura Brasileira (1800-1830)* sobre o Romantismo no Brasil dentro de um ponto de vista cientificista e uma produção historiográfica que reforçava os alicerces da cultura não só social, mas intelectualmente masculina e branca. A cidade de São Paulo na primeira metade do século XIX, assim como o Rio de Janeiro, eram celeiros de estudantes de Medicina e Direito, filhos de proprietários de terras; jovens que beberam das principais fontes do Romantismo, Lorde Byron e Goethe. A literatura ficcional oitocentista na estética do Romantismo serviu como um alicerce para reforçar a escravidão no Brasil como se vê na obra de José de Alencar *O demônio familiar*”, uma peça teatral de 1858 que conta a história de Pedro, um menino escravo que consegue desajustar as estruturas da família abastarda, desprovido de respeito a hierarquia e posição social. Na História da Historiografia do Romantismo na primeira metade do século XIX temos a obra *Úrsula* da escritora e professora preta maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1911) e lançada em São Luís do Maranhão em 1859. Sua obra é revolucionária por ter feito duas rupturas: Uma mulher que se enveredou no mundo da escrita e a ambiguidade submissão/transgressão de seus principais personagens envolvidos na cultura patriarcal, mandonista e escravocrata, tecidos de uma sociedade feita com famílias barrocas desde os tempos de Colônia, repleta de antíteses como bom/mau dos senhores de escravos; Deus/ diabo e *pater familias*/traição com escravas publicado na brilhante obra do historiador

Luciano Raposo de Almeida Figueiredo “*Barrocas famílias: Vida familiar em Minas Gerais no século XVIII*”. Ciente e resiliente, Maria Firmina dos Reis fez suas observações não esperando claque dos escritores de seu tempo com os seguintes dizeres:

“Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso de outros, e ainda assim o dou alume. Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor-próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo”.



Frontispício da primeira edição *Úrsula*, 1859.

A escritora maranhense tinha plena convicção que a sua obra seria vista dentro de um ponto de vista intelectual enfadonha pelos leitores, acreditando nas possíveis galhofas que os escritores fariam após a publicação do livro, anunciada nos três principais periódicos do Maranhão: *A Marmota*, *A verdadeira Marmota* e *Jardim dos Maranhenses* em 1860. No Rio

de Janeiro a obra foi mencionada no tradicional *Jornal do Commercio*. Os escritores do Romantismo publicavam anúncios de suas obras em jornais e folhetins e Maria Firmina não foi diferente, apesar do seu pessimismo na vendagem de seus livros. A estética do Romantismo serviu como *leitmotiv* a estrutura de uma sociedade com uma mentalidade provinciana; uma sociedade patriarcal com a submissão de mulheres e escravos. Maria Firmina dos Reis seguiu o caminho inverso dos escritores do seu tempo ao colocar Úrsula, Tancredo, filho do senhor Fernando P., o escravo Túlio e a velha escrava Susana como protagonistas no romance. Bem diferente de José de Alencar que publicou obras e colocando no centro da produção literária as elites rural e urbana, assim como na obra do Silvio Romero já mencionada no texto. A obra *Úrsula* tem como enredo central a escravidão e as suas estruturas, mas a escritora vai eliminando estereótipos sobre os costumes dos africanos que vieram através dos navios negreiros onde muitos morreram perante o sofrido e interminável trajeto entre a África e o Brasil. A obra é extremamente adocicada devido a sua dramaticidade e a tragédia shakespeariana entre Tancredo e Úrsula, interrompido devido o ciúme doentio de Fernando P. ao saber que Tancredo e Úrsula estavam em um processo de fuga, vedada com uma ação nefanda ao ter surrupiado a vida de Tancredo com um tiro certo diante dos olhos de Úrsula em um cenário noturno e com uma pitada de um medievalismo gótico. A morte de Tancredo adoeceu o seu espírito e caiu numa loucura irreversível. A crítica à escravidão, ao patriarcalismo e a submissão mulher/escrava(o) só foi possível com uma mulher preta, escritora e que viveu na periferia geográfica do Brasil, no Maranhão, longe da Corte que era o ponto central das atividades culturais e intelectuais no Brasil do século XIX. Maria Firmina dos Reis foi uma mulher de vanguarda rodeada por leitores e escritores conservadores e seu livro *Úrsula* vingou, entrando nos cânones da Literatura Brasileira no século XX.

BIBLIOGRAGIA:

-REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Ed. Companhia das Letras. São Paulo-SP. 2018;

-DEAECTO, Marisa Midori. O império dos livros. Ed. Edusp. São Paulo-SP. 2019;

- NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. O negro e a mulher em *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis. Ed Caetés. Rio de Janeiro-RJ. 2009;

-ROMERO, Sílvio. História da Literatura Brasileira (1800-1830). Ed. Garnier – Rio de Janeiro-RJ. 1902.

José Huguenin

- CONTO -

SUA VIDA É SUA

- Hei, aonde você vai?
- Sair. Baixe o fogo do feijão – disse com certa dificuldade.
- Você está louco? Você não pode sa...XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Helena correu para fogão deixando o caminho livre. Era a primeira vez que Beto saía depois do diagnóstico e mesmo aquele sol de meio de manhã agredia suas retinas. O chapéu não servia de nada, o sol vinha do asfalto. Andava apressado com as pernas bambas. Tanto tempo em repouso. Dobrou a esquina e avistou o Bar Vesúvio 2. Seus olhos marejaram. O filho abandonou o curso de medicina para montar aquele bar, virar chef de botequim. Era fã de Jorge Amado. Havia uma moça de nome Gabriela, também cravo e canela, que trabalhava lá. Era a atração do Vesúvio 2, para desaprovação de Beto. Para o pai, talvez, se tivesse formado médico, o filho poderia o curar, curar outros. Trabalho nobre. Brigou feio. Cinco anos sem verem-se. Não o admitia em casa.

- Desperdício de vida, Helena... jogar o futuro fora? – socava a mesa – E ele não se emenda, tem uma vida desregrada, como vai criar o menino?

O menino era o neto, que ainda não conhecia, fruto do relacionamento do filho com Gabriela. Outra desaprovação. Quarenta dias antes daquela saída à rua, passando impaciente pelos canais de TV, viu o filho aparecer sorridente, com saúde exuberante, ao lado de Gabriela. Um programa de culinária. Pôde conhecer o bar, já que se recusava a ver as fotos que Helena tentava mostrar. Lotado de gente. O filho falava com entusiasmo. Era feliz. E ele contra filho. Deu um soco no peito. De repente, viu o neto correndo pela tela. Era como ver o seu Felipe correndo naquela idade. Sentiu uma falta de ar repentina, parecia que ia se afogar em lágrimas. Helena o encontrou desacordado e levou-o para o hospital. Em coma, o pai não viu que filho e neto foram visitá-lo.

Beto aproximou-se da porta do bar, tremulo. Helena vinha gritando. Sua vista escureceu e caiu de joelhos. Ouviu uma voz de criança chamando “Vovô! Vovô!”, e o menino pulou no seu pescoço. Felipe o acudiu, dando a ele a chance de falar.

- Sua vida é sua, meu filho. E é linda! Me perdoe, eu te amo.
Expirou abraçado à sua Helena, ao seu Felipe, ao seu Beto Neto.

Leonor Vieira-Mota

- CONTO-

O AMARILDO VOLTOU!

Das janelas de um prédio no centro de Itaboraí não se pode ver a baía de Guanabara, mas ela está ali, bem pertinho, unindo suas águas às mesmas águas vistas das janelas do Vidigal, e delas também podemos ouvir o chamado por Amarildo.

- Amarildooooooooo!

Desde que foi levado, sem maiores explicações por policiais para averiguações na Unidade Policial Pacificadora da Rocinha, bairro em que mora com a mulher e os seis filhos, o pedreiro não foi mais visto. No referido posto de polícia, as câmeras, sem manutenção, não funcionavam e o GPS da viatura que o levou pra lá, literalmente, foi para o espaço! Sem esses dispositivos, impossível saber quando ele entrou, quando ele saiu, ou... se ele chegou a entrar ou se de lá ele saiu!

Diante desse histórico de descasos, a pergunta que não quer calar grita, grita, grita até fazer eco para além do Leme ao Pontal e do Oiapoque ao Chuí.

- Cadê o Amarildo?

Várias são as hipóteses sobre o seu paradeiro e eu ousarei mais uma com inteira isenção de comprová-la futuramente. Tãmanha ousadia se move pela mais sincera vontade de ver esse fato ultrajante elucidado - ao vivo e em alto e bom som – pelas autoridades governamentais ou quem sabe, até por ele mesmo, o Amarildo, vivinho de Souza.

Para mim, cronista de descostumes, neste ano de 2013, o Amarildo, no interior do contêiner, cansado daquele ambiente sem liberdade, igualdade e fraternidade em que foi detido, resolveu colocar a mão na massa (é pedreiro!)e construiu um túnel do tempo – que o levou direto à Paris do ano de 1789. Afinal, coincidentemente, ele desapareceu no dia 14 de julho, na horinha em que a Bastilha estava sendo tomada podendo assim expressar literalmente toda a sua indignação – como se essa fosse a última obra que na vida ele pegava por empreitada!

Lourildo Costa

- CRÔNICA-

O HOMEM E O CARNAVAL¹

Era bem de manhãzinha. As pessoas ainda dormiam dentro de suas casas, enquanto os primeiros ônibus vomitavam foliões que chegavam fatigados por virarem a noite nas folias do carnaval. Olhos modorrentos estampavam os rostos bem poucos aformoseados da gente que passou a noite na farra e na folia. Eram caras cobertas pelos véus da licenciosidade e da pândega. Os passageiros desciam zigzagueantemente à procura de abrigo. Será que alguns lembrariam da casa que deixaram na noite anterior, do filho carente de pão e da mulher que necessita de carinho?

Os veículos de comunicação de massa já traziam as primeiras notícias que precederam aquela quarta-feira de cinzas. A vida carnavalesca é cheia de diversões, de folias e de folguedos. Todavia, depois da festança, aparecem as prestações atrasadas e o minguado salário que ficou reduzido a quase nada durante as noites de folgança ruidosa. Muitos, talvez, não conciliassem o sono, devido os gritos da mulher que clamava por um pedaço de pão para o filho faminto. O homem, ainda em estado de sonolência, colocaria a culpa na inflação que corrói as economias de cada dia. A mulher acabaria concordando com o marido recém chegado da farra, mesmo estando aborrecida, mas aceitaria o argumento de que o custo altíssimo era o vilão da vida desafortunada – só para não discordar do marido. Não percebiam que o viver se tornava mais tristonho, após cada carnaval.

Era bem de manhãzinha. Entre os transeuntes enfadados de sono, vi descer um homem que muito mal se aguentava sobre o próprio corpo. A fantasia parecia-lhe um fardo, de tão incômoda. O que deveria passar em sua memória? Talvez ainda pudesse ouvir o rumor de muitas vozes, como as vozes de uma grande multidão neurastênica; gente cantando e gritando, muita gente pulando atrás de uma máscara. Também guardava na memória os sorrisos artificiais do coletivo de pessoas eufóricas e suadas de tanto

¹ Em 28 de julho de 2018, Lourildo Costa ganhou o 2º lugar no 5º Concurso Literário do Clube de Funcionários da CSN, com participação da crônica: “O homem e o carnaval”, como reconhecimento de seu talento literário.

pular. As vozes em tom excessivamente alto agora doíam em seus ouvidos, lágrimas rolavam nas faces ao ritmo do samba. Muitos batiam os pés, outros balanceavam o corpo, outros sacudiam as mãos. No meio daquele turbilhão de pessoas que dançavam redemoinhando o homem via a si mesmo, extraordinariamente se divertindo, diante das mulatas seminuas que arfavam os peitos seminus à sua frente. Elas pareciam rir tanto que os seus seios cresciam imperceptivelmente com o fluir e o refluir da respiração. Três dias e três noites foram suficientes para esquecer a mulher que reclamava copiosamente, o filho já doente por causa da fome. Pelo menos, durante o carnaval, poderia gritar e dar altas gargalhadas e ninguém se importaria com isso.

Era bem de manhãzinha e uma tonalidade pouco fúlgida ameaçava misturar-se aos fantoches ambulantes que caminhavam pela avenida. Os fantoches, pelo menos, são versáteis e espontâneos, ao contrário dos seres mortos vivos que caminhavam em direção à suas casas. O mundo parecia-lhes pequeno, diante do oceano de problemas que se transformaram num enorme salão de pandemônios. Milhares de pessoas estão voltando dessa festa. Alguns se fantasiaram de presidentes e houve até quem se vestisse de ministro do carnaval.

Era bem de manhãzinha e vi descer aquele homem zigzagueante que carregava uma taça quebrada em uma das mãos. Parei, por um instante, para fitá-lo até desaparecer na última esquina. Quantos, na mesma situação, dobrariam aquele canto do cruzamento da avenida como fuga da tétrica realidade. Ao tentarem conciliar o sono, ouviriam apenas as vozes grugulejantes de uma criança e irritada de uma mulher rixosa.

Luciano Baptista Domingos

- CONTO -

UMA LEITURA [PARA] FILOSÓFICA

Trecho do livro X de A República de Platão (614a)

- A verdade é que o que te vou narrar não é um conto de Alcínoo, mas de um homem valente, Era o Armênio. Tendo ele morrido em combate, andavam a recolher, ao fim de dez dias, os mortos já putrefatos, quando o retiraram em bom estado de saúde. Levaram-no para a casa para lhe dar sepultura, e, quando, ao décimo segundo dia, estava jazente sobre a pira, tornou à vida e narrou o que vira no além. Contava ele que, depois que saíra do corpo, a sua alma fizera caminho com muitas, e haviam chegado a um lugar divino, no qual havia, na terra, duas aberturas contíguas uma à outra, e no céu, lá em cima, outras em frente a estas. No espaço entre elas, estavam sentados juízes que, depois de pronunciarem a sua sentença, mandavam os justos avançar para o caminho à direita, que subia para o céu, depois de lhes terem atado à frente a nota do seu julgamento (...)

Quando os raios de luz da lua de outono penetraram os vitrais de uma antiga igreja que não sabemos o motivo pelo qual veio a se tornar a biblioteca central daquela cidadezinha do interior, entra em cena uma jovem estudante de filosofia que se interessava muito pelos ensinamentos de Platão. Ela passava horas e horas lendo os diálogos do filósofo grego e refletindo sobre o mundo das ideias, a teoria do conhecimento presente no Livro Seis da República e, principalmente, o tema que mais lhe chamava a atenção: o tema da transmigração da alma, da metempsicose.

Certa noite, enquanto estava deitada em sua cama, falida das horas de estudo exaustivo – uma vez que a leitura de um filósofo, ou o maior pensador do ocidente sendo lido há dois mil e quatrocentos anos depois, necessita um gasto de energia tremendo – a jovem provinciana não demorara muito a pegar no sono. A madrugada morna ia se tornando mais friorenta, mas de um frio tolerável, suportável para um pensamento que continuava ativo, enquanto o corpo se endurecia na cama de solteiro da estudante. Foi então que ela começou a sentir uma sensação estranha de leveza, como se seu corpo estivesse flutuando.

No plano do corpo orgânico, apenas havia se passado alguns minutos, porém, no plano astral Raquel parecia estar horas nesse estado, nessa sensação boa do flutuar.

Passado esse momento de flutuação - posterior a um outro momento onde a garota havia se levantado da cama e, de pé, olhou para trás e se deparou, inexplicavelmente, com seu próprio corpo ainda esticado na cama como se nada tivesse acontecendo ali – Ela se vê diante de um território completamente diferente, hostil, que nunca antes havia vivenciado. Seu corpo agora não sendo um copo físico, se apresentava como uma forma sutil, menos densa que logo contraiu uma mudança de vibração, mas sem a real compreensão de que sensação se tratava. Estava envolta de intensas emoções boas e ao mesmo tempo incomensurável.

Agora se encontra numa cidade medieval, com ruas de pedras, praças, castelos, casas de madeira e um vasto oceano. O plano espiritual traça a cidade de Sines, região ali do Alentejo, em Portugal. A estudante tentava, com a consciência, descrever em que ano poderia ser, em que tempo poderia estar: século onze, quinze, dezoito... Era debutante nessa experiência holomnemônica, portanto, a ela somente cabia se entregar àquela experiência inefável, espiritual:

“Minha nossa! Saí do corpo! Que loucura! E para intensificar minhas neuroses, de quebra viajei no tempo! É isso, só pode ter sido isso!” Disse a estudante.

Um pouco confusa, podia admitir. A aluna de filosofia olhou ao redor e percebeu que havia, de fato, viajado no tempo. Entre obviedades, controvérsias e neuroses por conta de muito platonismo (ou neoplatonismo?) de súbito, surge uma aura de luz que a jovem admitiu ser o espectro de um senhor muito velho cuja barba era demasiadamente branca. Se a provinciana o descrevesse numa redação descritiva o adjetivaria com uns duzentos anos de idade.

"Jovem, vejo que estás perdida. Precisa de ajuda?" disse o senhor.

A moça ficou aliviada por encontrar alguém que pudesse ajudá-la. O ancião lhe explicou a situação e, para sua surpresa, Velho do Restelo (personagem da obra *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões) já, de certa forma, a conhecia. Isso porque, segundo ele, a estudante já havia estado ali em projeções fora do corpo outras vezes e, além disso, o velho contou com as palavras silenciosas da consciência extracorpórea, que a moça em vidas passadas fora Catarina de Ataíde, esposa de Vasco

da Gama, com quem teve oito filhos. Vasco da Gama havia nascido justamente em Sines, mesmo local onde agora a garota se encontrava no plano espiritual.

"Ah, explica-lo-ei", disse o senhor de barba senil. "a jovem certamente fez uma projeção astral, uma viagem espiritual através do tempo e do espaço. Isso é algo que pode ser alcançado através das evocações e das práticas do ocultismo."

"Projeção astr... o quê? Que cargas d'água é isso?"

A estudante de filosofia ficou intrigada com a resposta, mas também um pouco confusa. Como assim ocultismo? Em que momento da sua vida mediana de estudante de primeiro ano de graduação em filosofia, poderia ter tido o azar de se encontrar com alguém que praticasse ocultismo? Em que parte dos diálogos platônicos o ocultismo possa ter passado distraído? A questão temporal e filosófica era a de quea cidadina não tinha a puta ideia de como voltar para casa, e agora estava em uma época completamente diferente no plano astral.

Enquanto caminhava pelas ruas da cidade medieval, o senhor de aspectovenerando explicou mais sobre o ocultismo e as práticas espirituais da época. Ele falou sobre as ideias de Platão e como elas foram interpretadas naquela época. Também contou a história contextual por trás de Os Lusíadas, exaltou a figura do seu criador Luís de Camões.

"Camões não era apenas um fabuloso poeta, minha nobre do futuro", dizia quase telepaticamente o velho homem. "Camões era um verdadeiro, autêntico cientista das evocações espiritualistas herméticas", afirmou o venerando.

Em alguns momentos, a estudante não conseguia captar tantas informações. Chegou a ser cética quanto as ideias ocultas e espirituais. Mas aqueles questionamentos não pareciam ter saído da consciência extrafísica da estudante de filosofia, mas de seu ego energético ainda preso às deficiências de seu corpo viciado ao ceticismo provinciano, cujas ideologias americanizadas dos meios de comunicação local fazem a realidade de toda uma classe ainda proletária.

Camões, em vidas passadas, fora o próprio Platão. Por esse motivo, uma das práticas oculta do mago poeta era a de recuperar o platonismo em suas obras. Por esse motivo, as forças ocultas no futuro de Platão foram intensificadas pela jovem estudante que, inconscientemente

evocava o filósofo e o poeta em suas leituras. Por isso a exaustão do corpo físico fizera com que o corpo espiritual se descolasse daquele. Explicava o senhor de barba branca e todo iluminado.

A menina começou a entender que, embora os tempos fossem diferentes, as ideias e a filosofia de Platão ainda eram relevantes. Ela também começou a perceber que talvez não estivesse tão perdido quanto pensava, uma vez que suas vidas passadas se entrelaçavam com aquela época e com as tensões energéticas e evocativas daquele território filosófico-literário e principalmente com os personagens daquela época evocativa e para-histórica. Ela estava encantada com toda a experiência inconsciente e parapsicológica. O problema é que, por falta de práticas, não tinha a habilidade extrafísica para voltar para casa antes de sentir a neurose de um pesadelo sem fim.

Sabendo disso, ao findar da noite, o venerando mostrou-lhe como fazer uma projeção astral consciente, para que pudesse voltar para casa quando quisesse. Disse, de maneira transcendental que ele sempre guarda os sonhos dela como um amparador extracorpóreo. Explicou, também, a finalidade de uma espécie de “cordão de prata” que está conectado ao corpo astral para que toda vez que ela desejar sair fora do corpo, aquele cordão a traz para perto do corpo físico, caso ela se perca na projeção.

E assim, a jovem estudiosa de Platão, voltou para seu tempo e lugar de origem, com uma nova compreensão da filosofia platônica e da espiritualidade. Como seu olhar para esses temas se tornou tão transdisciplinar? Nunca mais sua visão de mundo será orientada pelo ego e pelas ideologias dominantes. Aquele suspiro em cada leitura filosófica é o sopro oculto das vidas entrelaçadas: arte e filosofia, passado e futuro, tempo perdido e aprendido.

Shirley Leonardo

- CONTO -

BRINCADEIRA DE CRIANÇA

Perfeito! Estava feito o balanço na mangueira frondosa ao pé do morro da casa da tia. Criatividade de criança usar a corda do pai, tão bem guardada, para subir tão alto para amarrá-la.

Naquele dia ainda não seria possível experimentar a construção, já era tarde e precisavam retornar ao lar, a mãe os chamara para se recolherem.

No dia seguinte foram para a escola, mas a ansiedade era tamanha que as horas se arrastavam e quando o sino tocou, correram como nunca.

Em casa! Finalmente em casa! Trocaram de roupas! Almoço! Deveres! Afazeres! Tudo tão interminável! E o balanço à espera.

Chegara a hora! Todos desceram em disparada a escada pulando alguns degraus.

Alguém subira na árvore para desenrolar e jogar o balanço. Pronto! Estava inaugurada a diversão.

Irmãos, primos e amigos, a fila estava formada e cada um na sua vez experimentava o ir e vir da corda amarrada no galho da majestosa árvore.

O vento soprando naqueles corpinhos afogueados, cabelos emaranhados, crespos, cachos colados, suor escorrendo, o sol a queimar a pele, a sombra a aliviar. Sorrisos nos rostos, alegria que não acabava...

O dia passara rápido, ficaram os irmãos brincando numa felicidade incontida e esparramada. Um subia, o outro empurrava para que o balançar durasse mais e fosse mais longe. Um empurrava, o outro subia... Um empurrava e o outro mal se segurou e caiu do balanço, direto ao chão de terra fresca e restos de tudo, a face de encontro ao mato curto, se escondeu. O irmão que empurrara ficou paralisado. E a irmã correu para ajudar, se abaixou, ambos se levantaram. Sangue! Sangue! Sangue! Foi o que desceu da boca do irmão que caiu. Desespero! Ao cair com a face de encontro ao chão, o irmão cortara o lábio inferior separando-o metade para a direita e a outra para a esquerda. Ambos subiram a escada em meio ao choro, dor e medo. Desespero! A mãe se trocara às pressas para levar o filho ao hospital.

O tempo passava e a mãe não chegava com o irmão do médico. A surra era certa mais tarde quando o pai chegasse do trabalho, afinal, ela fizera o balanço e era a responsável pelos irmãos mais novos. O irmão chegara

com o lábio costurado, inchado, levava vários pontos. O pai também chegara, a surra não viera, só um pequeno alívio. Ninguém se lembrava do balanço.

Verso

Ana Malfacini

POEMA MODERNISTA

Eu quero um amor que me valha um texto
Ou um tesão que me valha um poema
Não dos parnasianos dodecassílabos perfeitos belos métricos e sem
sentimentos.

Frios.

Não.

Quero-o moderno.

Intenso.

Transgressor.

Carnal.

Língua quente e viva pulsante dentro da boca outra do quadro que a
Tarsila do Oswald não poderia pintar.

Quero-o tropicalorgasmaravilhado, tal Caetano.

E, depois do cigarro, da vodka, ao cair do pano,

Na intensidade remota do momento

Que fique na lembrança do prazer insano

Que esteve apenas no meu

pensamento.

Angela Alves Crispim

AMOR VERDADEIRO

(12/12/2022)

Se encontrou um amor
Que corresponda ao seu...
Não abra mão desse sentimento.
Não busque em aventuras alheias
A realização de uma vaidade.
Se encontrou o amor verdadeiro
Cultive-o a cada instante,
Não permita aos invejosos interferir.
Sempre há aqueles que querem,
De uma forma ou outra se aproximar
Para testar a resistência dessa união.
Se encontrou o amor verdadeiro
Não o desperdice em aventuras
Corriqueiras e inconsequentes,
Porque quando a confiança
De alguma forma for atingida,
Não conseguirá retornar
Àquilo que foi simples e forte
A iluminar a sua existência.
Se encontrou o amor verdadeiro
Não desperdice simplesmente.

BEIJO ROUBADO

(07/01/2023)

Um beijo roubado,
Um abraço atrapalhado,
O roçar de mãos nos ombros,
Um olhar direto e luminoso,
E ao tocar no corpo a energia.
Do beijo roubado veio o riso,

Do abraço atrapalhado a ternura,
Das mãos o companheirismo,
No olhar a confissão do amor.
Um amor isento de agruras,
Cheio de calor e cumplicidade,
Desacompanhado das palavras,
Sonoras juras inconfessadas
De grande afeto e paixão.
Do beijo roubado na pressa
O abraço atrapalhado surgiu
Com o olhar que disse veloz
Todas as coisas que dos lábios
Num sorriso não se ouviu.

Camila Cabral

MARIAS

De todas as Marias
que eu poderia ser,
sou incógnita não escrita,
dúvida, incerteza não dita.
Sou Maria Bonita, Glória Maria.
Dia-a-dia, carinho e raiva.
Não me explico por que não sei.
Nem tampouco alguém me imita.
Acordo cedo, quando vejo é tarde.
Durmo tarde, as vezes é pouco.
Mas acima de tudo, não sou.
Somos. Entre uma luta e outra
para continuar a viver, sobreviver.
Falta ainda repetir: sou. Somos.
Do substantivo ser
qualificado pelo adjetivo
humano!

Claudia Lundgreen

CASA DA FLORESTA

Camiseta, moletom,
um par de meias brancas e tênis marrom;
a vaidade em segundo plano, prezo o conforto;
subo e desço trilhas, até chegar ao seguro porto.

Ah, se eu fosse tão simples como minhas vestes,
e o normal me definisse; mas sou cabana sob ciprestes.
Escondo-me de mim, de nós, de todos;
bicho do mato, limito-me aos meus cômodos.

Sentimentos que me nutrem, mesmo tão contraditórios;
utopias e quimeras, nesse meu mundo ilusório,
são guardados que transbordam nas gavetas da minh'alma;
excessos que me matam; meus contos de fadas.

Nos castelos do meu íntimo, o salto não machuca;
o vestido é rodado, vermelho e apaixonado;
tocam doze badaladas, a ilusão se desintegra;
volto com meus trajes para a casa da floresta.

Simplicidade aparente, íntimo complexo;
emoções inenarráveis; espelho sem reflexo.
É impossível definir o que é real e o que é quimera;
Usando o tênis marrom, chego na minha tapera.

O final é sempre assim, da magia é o que me resta:
volto com meus trajes para a casa da floresta.

Débora Corsi

XÍCARA DE CAFÉ

Mais uma xícara de café, por favor!

Sempre que entramos em uma cafeteria, gostamos de tomar aquele cafezinho

cheiroso com um pedacinho de biscoito.

O café sem açúcar e sem adoçante, mas a companhia tem que ser marcante.

Mais uma xícara de café, por favor!

Significa que temos vontade de congelar o tempo só para continuar conversando,

sem culpa e sem desculpas.

A hora vai passando, o café esfriando, e novamente chamamos garçom: mais uma xícara de café, por favor!

A xícara é pequena, mas a companhia é imensa;

o café é amargo, mas conversa é doce;

o tempo vai passando, a fumacinha não existe mais,

porém a presença do amigo é o que satisfaz.

Mais uma xícara de café, por favor!

Não importa se está chovendo ou se o sol está “fervendo”,

porque o que queremos, é só tomar mais uma, duas, três, dez xícaras de café.

Terminado, vamos levantar as mãos e pedir novamente para o garçom:

mais uma xícara de café, por favor!

Sempre haverá um pretexto para tomar um bom café,

porque o melhor desse texto é o prazer de encontrar na agenda

um amigo que vale a pena. Se tem água ou biscoitinho, isso pouco importa,

porque no final pediremos a conta e faremos um novo convite:

Na semana que vem vamos tomar um café?

Elisa Carvalho (1957-2023)

VEZ

Não queira decifrar o que Vez,
apenas descreva entre hieróglifos constantes
os quixotescos anseios
dos invisíveis amantes
que se consomem em um dia
que se subentendem
num traço de Poesia...
sou farol que deseja o horizonte
seja Verso
e
me conte.

Outono de um século.

Elyane Lacerdda

PRECISO

Preciso

Acostumar-me com o vento

O frio

O isolamento de vozes

Acostumar-me

Com a saudade dos amigos

O sorrir sozinha sem medo

Apenas Estar e Ser

Preciso

Acostumar-me

A Viver

Seguir...

Flávia Souza Lima

BLUES

no fundo da tarde
o mar finda
onde o céu funde
o esfumado ciano
ao horizonte
sem se dar conta da hora
em que este amor
afunda

ESCUITA,

gosto quando me lêes poemas
mais que dos poetas
esses fingidores
ou dos versos
esses ilusores

gosto até quando invento poemas
que não me lêes
ou quem sabe para
que me leias
um dia

pensando bem
gosto mais da sua voz
luminosa trama
do que da beleza
dos poemas que me lêes

Jean Carlos Gomes

INDEPENDÊNCIA OU PENDÊNCIA!?

Ainda que tardia, uma livre referência,
Momento esse de pura nostalgia,
Comemorações, transparência...

Às vezes depois de muitas lutas,
Momentos de glórias,
Pois se tem (teve) ótima preferência...

Independência, principalmente a financeira,
A que todos buscam em primeiro plano,
Até porque traz muita relevância...

Independência ou morte?
Conquistas ou pesadelos que vivemos e presenciamos diariamente
Em um país com momentos tão diversos, com retrocessos,
Às vezes pela falta da principal *Independência*, que é ter, com certeza,
principalmente limpeza de consciência!...

16.5.2023.

A POETA ELISA CARVALHO (1957-2023)

Pelo seu passamento

Elisângela de Cássia Carvalho,
Liberdade em *verso & prosa*,
Inteligente, versátil,
Sagaz, de múltiplas facetas,
Atriz, matriz, flor-de-lis...

Colagens criativas fazia nascer,
Amava interpretar, declamar,

Respirava Arte & Cultura, boa parte de sua

Vida fez o de que mais gostava, SER:

Artista multifacetada com cores e formas,

Livre a tudo, a todos os

Horizontes que tentava buscar...

Ofertava o seu melhor por meio de sua escrita de militância e resistência!

Lee Brasil

SONETO DA IMORTALIDADE

Em prosa e verso, vive um imortal
Árdua é a faina deste artesanão
Que esculpe linhas com sua própria mão
Como se fora um quadro original.

Rimas florescem, brotam desse chão
Fértil do autor, em seu campo mental
Ideias vêm, de forma natural
Impetuosas, no seu turbilhão.

Sejam batalhas entre o Bem e o Mal
Artigos que defendam a Razão
Tramas e traumas da vida real

Sonetos, trovas, letras de canção...
Tudo é eterno, posto que é real
Na Academia do seu coração

Márcio Castilho

OS VÁRIOS TONS NA PALETA

Sou pele, sou branca, sou preta,
Para o poeta, sou a paleta
Neste país de cores mil.

Sou a variedade genética
Nesta nação tão eclética
Batizada de Brasil.

Sou bronze, vermelha, morena, amarela,
Nesta terra sou aquarela
Entre cafuzos, mamelucos, mulatos.

Sou pele, tela de tantos matizes,
De cores vivas sob os vernizes
E texturas em tons exatos.

Sou pele dos antepassados,
Genes nobres misturados,
Sou melanina, cor, pigmento.

Sou pele nua, albina ou parda,
Madeixa lisa ou encarapinhada,
Sou identidade e empoderamento.

Sou pele cabocla, dourada,
Jongo anti-horário na alvorada,
Sincrônico passo de dança.

Sou pele dos puris de minha terra,
Curumim que não quer guerra,
Sou tribo, sou pajelança.

Entre índios, brancos e negros, sou raça,
Mistura homogênea em óleo de linhaça,
Precisas pinceladas e elo perfeito.

Sou impressa tato a dizer:
“Não degrade o degradé
Na aguarrás do preconceito!”.

Mércia Christani

MERGULHO EM MIM

Minha alma sedenta de respostas,
Vive em busca de certezas.
Esbarra em barreiras, invólucros de mistérios...
E, teimosa que é,
Insiste, persiste, nesta busca de verdades e
Envereda por caminhos impregnados de brumas
E vai titubeante, já ofegante,
Na esperança de findar sua busca.
E, sem esmorecer, continua introspecta e vai, num m

e
r
g
u
l
h
o
Em mim.

Raquel Leal

TEMPO FIRME

Agora o tempo é outro
Se conta pelos pulsares do peito
E não pelos ponteiros
Tu sentes?
Que a aragem do mar não é só de sal
Há nela uma sublime doçura e a candura
De rendas que se espalham
Quase suspiros na areia?
O tempo aberto de luz e ternura
Não arranha as horas do relógio
Que monótono nem pia
Tu sentes que o dia raia a qualquer hora
E o sol se espalha no meio da chuva
E do vento, levando tormentos e trazendo alegria?
A vida fica linda no bom dia no meio do dia
Ou no meio da noite
Já que as horas se contam pelas emoções
E o tempo traz previsão de bom tempo
Por muitos dias.

Regina Vilarinhos

SOBRAS

Guardar o sangue e limpar as bordas dos dedos
sobre o papel em branco.
Deixar o verso sujo, calar a poesia com lágrima.
Nada dói mais do que acostumar-se com a perda.
Sem perguntas mais, sem ferir mais.
Nos olhos, a rotina e um enorme cotidiano
pela frente.
Dia sim e outro não.
A insônia.
O calor.
A única fresta aberta.
Porque uma vez só faltaram as palavras e, desde então,
sobrou isso tudo.

Robson Chaves

MINHA PRINCESINHA

Desde que cruzou o meu caminho
Você fez de mim um novo homem
Senti-me vivo e com propósito
Mais do que em quase trinta anos de vida
Minha pele fica quente ao seu toque
Então desejo para que logo você volte
Por mais que tudo pareça ilógico
Eu me perdi no seu sorriso
Nos seus encantos
E também no gosto do seu beijo
O seu nome é composto
Seu sotaque é singular
Afrodite, Cristo
E por que não um Orixá?
Eu peço aos céus
Uma chance de poder
Ao seu lado ficar
Nem que para isso
Outra vida tenha que começar

Sara Jane Matos

FRAGRÂNCIAS QUE CURAM

Água fresca que brota da mina,
Minhas mãos cheirando a arruda e
mirra.

Colhi agora da terra, que me retribui
com vários galhos que se duplicaram
das ervas mães.

Antes que o sol se pusesse cansado
de um dia pleno, foram colhidas.

Já no jarro de barro, água da mina as
ervas repousam,

Mas antes deixaram em minhas mãos
o inconfundível aroma que eleva o
meu espírito a um canto de paz.

“Todo curador também tem suas
feridas!”

E isso faz parte do meu autocuidado.

Stael de Oliveira

O ARIGÓ E A ARTE

Homenagem ao trabalhador da CSN

O menino com o brilho do sol
Enfrentando a labuta
Vivenciando a disputa, a luta...
A competição

O trabalho bruto
Os turnos...
Os noturnos...
E o plantão

Vivendo num mundo onde a máscara do palhaço
Revela alegria do traço
E, a tristeza, reflete o embaraço

E, a menina dos olhos, que consegue ver além
Envolver e dar leveza, ao traço, a natureza
Ao compasso... A realeza
Ao que diz sua canção...

E, o menino com o brilho do sol
Vivendo de sol a sol
No trabalho... dia a dia
Gastando toda energia na rotina da produção

E, a menina dos olhos
Num misto de encanto e magia,
Retratada na sapatilha dos caminhos a seguir

Num elo de encanto e pureza
Trazendo toda beleza...
Nos saltos, na pirueta que o seu coração tocou

Onde o amor foi tocado pela arte num só acorde...
Num mesmo acordeom...

Entregando o seu coração
E eu entrego o meu coração
Juntos formando um só gesto
Uma cidade... Um teto...
Um nome... Um projeto...
Todo feito para você

Onde o trabalho é mais leve
O capacete protege
É onde o pó vira neve
E a botina um "grandjete"

Thalita Wutke

ERA UMA VEZ

Era uma vez uma menina comum
Que ao avaliar a sua vida, muito se incomodou
O seu foco nos problemas colocou
E o mundo amargo ficou

Culpava as pessoas pelas situações ocorridas
Colecionava mágoas sentidas
Aceitava o rótulo que nem sempre lhe cabia
E muita raiva lhe fazia

Quanto mais almejava, menos prosseguia
Quanto mais pedia, menos conseguia
De repente o cansaço a atingia
E nem mais acreditava que seu grande sonho realidade se tornaria

Até que um dia se cansou da escuridão
E decidiu ouvir a voz do seu coração
Permitiu que sua fagulha de luz se tornasse um grande lampião
E sua própria luz iluminou todo o seu chão

Venceu toda a humilhação
Transmutou a raiva em perdão
A culpa em união
E o entendimento tomou seu coração

Sua voz íntima agora passava alhe dizer
Que tudo seria capaz de vencer
Um grande poder em si viu crescer
E então tudo passou a ser possível de acontecer

A vida é assim
Colocando o foco no que há de ruim

Tudo passa a virar uma ruína sem fim

Porém quando entendemos que não somos nossos problemas

Nos permitimos sair dos dilemas

E nossa essência se torna nosso grande emblema

Seja feliz!

ACADEMIA VOLTA-REDONDENSE DE LETRAS



MEMBROS EFETIVOS

- Cadeira 1 – José Pedroza
- Cadeira 2 – Elisa Carvalho
- Cadeira 3 – Lourildo Costa
- Cadeira 4 – Regina Vilarinhos
- Cadeira 5 – Isaque Fonseca
- Cadeira 6 – Stael de Oliveira
- Cadeira 7 – Mércia Christani
- Cadeira 8 – Tarcísio Cavaliere
- Cadeira 9 – Ana Malfacini
- Cadeira 10 – Giovana Damaceno
- Cadeira 11 – Elyane Lacerdda
- Cadeira 12 – Sara Bentes
- Cadeira 13 – Luiza Pettersen
- Cadeira 14 – Ângela Alves Crispim
- Cadeira 15 – Charles Nunes
- Cadeira 16 – Leonor Vieira-Motta
- Cadeira 17 – José Huguenin
- Cadeira 18 – Aline Reis
- Cadeira 19 – Thiago Ferreira
- Cadeira 20 – Flpavia Souza Lima
- Cadeira 21 – Débora Corsi
- Cadeira 22 – Elisa Andrade
- Cadeira 23 – Renato Barozi
- Cadeira 24 – Maestro Caaraüra
- Cadeira 25 – Shirlei Leonardo
- Cadeira 26 – Camila Cabral
- Cadeira 27 – Guto Mello
- Cadeira 28 – Jéssica Rregina
- Cadeira 29 – Jean Carlos Gomes
- Cadeira 30 – Natalia Lucinda
- Cadeira 31 – Icléa Goulart
- Cadeira 32 – Márcio Castilho
- Cadeira 33 – Kika Monnteiro
- Cadeira 34 – Ettore Dalboni
- Cadeira 35 – Lee Brasil
- Cadeira 36 – Rodrigo Hallvys
- Cadeira 37 – Raquel Leal
- Cadeira 38 – Sara Jane Matos
- Cadeira 39 – Luciano Batista
- Cadeira 40 – Thalita Wutke

MEMBROS CORRESPONDENTES

- Cadeira 1 – Cristóvão Cursino
- Cadeira 2 – Flavio Chame Barreto
- Cadeira 3 – Celso Ricardo de Almeida
- Cadeira 4 – Wanderson Siqueira
- Cadeira 5 – Angeli Rose
- Cadeira 6 – Brasilino Neto
- Cadeira 7 – Alexandre Diniz Gomes
- Cadeira 8 – Claudia Lundgren
- Cadeira 9 – Edmilson Naves
- Cadeira 10 – Giovanni Miguez
- Cadeira 11 – Lucia Araujo
- Cadeira 12 – Mauri Alves da Silva
- Cadeira 13 – Robson Chaves
- Cadeira 14 – Rogerio Veiga